Sujeito elíptico
Autor:
Cristian Crusat

Leitor: Rodrigo Petronio

A obra é de definição extremamente difícil. Composta de 16 capítulos, é uma literatura híbrida, misto de relato, autobiografia, crônica de viagem, diários, etnografia, ensaio e reescrita de lendas. O autor utiliza o termo transtextualidade. Este termo descreve bem esse tipo de escrita que incorpora escritores e obras ocidentais da mesma forma que dialoga, cita e reescreve narrativas e mitos locais.

O título do livro remete a uma nota introdutória: "a declaração de uma ausência". Baseado no eminente linguista Émile Benveniste, estudioso da protolíngua indo-europeia, Crusat enfatiza que todas as línguas e gramáticas partem de uma localidade fática (mundana) do eu e do tu. Entretanto, a terceira pessoa, o ele/a-eles/as, seria uma abstração. Não se refere a ninguém, é uma "ausência de identidade constitutiva". Trata-se de algo "que está ausente" (*al- ya'ibu*, em árabe).

Crusat parte dessa ausência ontológica e a reverte em termos positivos. Essa ausência abre espaço para apresentar o mundo e os outros a partir de múltiplas perspectivas. Busca nos berberes uma espécie de alteridade radical e essencial. Busca registrar essa etnia que povoou a África do Norte desde o Saara até o Mediterrânea, e cuja origem foi apagada e perdida, talvez para sempre. O vazio deixa de designar um falta e se converte na potência do imaginário e na abertura de mundos que emergem dessa que é uma das culturas mais marginalizados e apagadas do mundo: a cultura berbere.

A obra foi escrita entre janeiro e outubro de 2015 (ano 2965 segundo o calendário *amasigh*), período em que o escritor residiu em algumas cidades berberes do Marrocos, e foi concluída em Agadir. A cidade de Agadir, em língua berbere, significa *celeiro*, mais especificamente um *celeiro coletivo fortificado*. Os *igudar* (plural de *agadir*) são uma "antiga construção de pedra ou de carvalho que aloja a colheita de todo grupo, da tribo, da parte ou do clã, e ao qual é proibido o acesso de estrangeiros".

O livro trata portanto das experiências de viagem do autor e, mais do que isso, propõe fazer um misto de arqueologia e de homenagem à cultura e à etnia berberes. Nessa literatura de fronteira, o nomadismo do autor se identifica com o nomadismo berbere que se definem a si mesmos como *imasighen* (homens livres), plural de *amasigh* (berbere).

Crusat nos informa sobre esta cultura composta de várias línguas (*tamazight*) e o seu interessante alfabeto (*tifinagh*) é baseado em um complexo grafismo cuja descrição nos aproxima dos labirintos e das caligrafias oníricas de Borges. Um dos capítulos do livro explora a cidade de Agadir, cidade fundada pelos portugueses em 1500 com o nome de Santa Cruz de Cabo Aguer, onde Crusat residiu durante um período e que foi objeto de suas impressões. Narra também a viagem do autor à cidade próxima de Tarundant.

Uma das peculiaridades da obra é como Crusat mescla à narrativa fotografias de sua autoria. Esse recurso narrativo é inspirado em W. G. Sebald, autor cuja obra Crusat se especializou e dedicou um livro. Esse mecanismo sebaldiano de cruzamentos entre texto e imagem e entre ficção e vida confere uma estranheza interessante à obra, pois ao mesmo tempo que sabemos que tudo pode ser ficção, acompanhamos a narração como se fosse um texto documental e testemunhal. Nesse sentido, conforme define Crusat, a literatura seria um "jogo de espelhos" capaz de prismar e multiplicar a complexidade e a diversidade do real.

Um ponto interessante é o capítulo dedicado ao *Quixote*. O narrador desenvolve o conceito de *biombo*, uma tênues e ilusória separação entre literatura e vida, ficção e realidade. Haveria uma "linha difusa entre a realidade e a ficção", como os biombos da cultura japonesa. Para o narrador, a cada capítulo do *Quixote*, Cervantes produz biombos, ou seja, "uma sutil divisão dentro do espaço mental do leitor". Segundo Vila-Matas, os biombos permitem divisões espaciais de uma mesma morada, mas são diferenças artificiais. Assim, Crusat relembra o belo ensaio do escritor e pensador japonês Tanizaki, sobre o jogo das sombras, para afirmar essas sutis "contornos da realidade".

Quando os bombos são retirados, as sombras inseparáveis da realidade e da ficção se mesclam, diluindo "as paredes de papel de nossa imaginação". Essas alternâncias entre realidade e ficção também são alternâncias entre diferentes realidades. Partindo de outro escritor japonês, Murakami, depois dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, o mundo atual é uma Realidade

A. Poderíamos estar vivendo em uma Realidade B, caso o evento de 11 de setembro de 2001 não tivesse ocorrido.

Assim, Crusat investiga as variantes da realidade e as oscilações entre realidade e ficção a partir desse mergulho na cultura e na vida dos *imasighen*. Outro ponto positivo da obra é a adaptação de lendas berberes (*imasighen*). Note-se em destaque a fábula intitulada O Oásis e os Dentes, versão de um conto *teggargrent*, língua *tamazight* falada em algumas regiões da Argélia.

Avaliação

Embora de definição extremamente difícil, *Sujeto Elíptico* é uma obra que explicita uma profunda compreensão das possibilidades e potencialidades da literatura. Mesmo com esse enquadramento conceitual, oscilando entre a etnografia e o ensaio, entre a notação erudita e o diário de viagem, a obra de Crusat pode interessar a leitores que gostem de confrontos com outras culturas e de relatos de viagem. Nesse sentido, ela pode ser muito bem adaptada e explorada por leituras brasileiros de diversos registros, interesses e formações.

Autor

Cristian Crusat (1983) é autor do ensaio *W. G. Sebald en el corazón de Europa* (Wunderkammer, 2020), do romance *Europa Automatiek* (Sigilo, 2019), de uma obra que se define como um artefato fronteiriço, *Sujeto Elíptico* (Pre- Textos, 2019), da monografia *Vidas de vidas* (Páginas de Espuma, 2015) e dos livros de relatos *Solitario empeño* (Pre-Textos, 2015), *Breve teoría del viaje y el desierto* (Pre-Textos, 2011), *Tranquilos en tiempo de guerra* (Pre-Textos, 2010) y *Estatuas* (Pre-Textos, 2006). Recebeu, dentre outros, o Premio Tigre Juan de Narrativa (2019), a Bolsa Leonardo (2017), o Prêmio Málaga de Ensayo (2014) e o European Union Prize for Literature (2013). Seu trabalho tem sido reunido em antologias como *Cuento español actual. 1992-2012* (Cátedra, 2014) e traduzido para o inglês, o francês, italiano, holandês, búlgaro, macedônio, turco, trecho, albanês, hebraio e croata. Editou, prefaciou e traduziu as narrativas e ensaios de Marcel Schwob sob o título *El deseo de lo único. Teoría de la ficción* (Páginas de Espuma, 2012). Publica artigos, resenhas e traduções em revistas como Hispania (EEUU), Hispanic Research Journal (Reino Unido), Revista

de Occidente, Cuadernos Hispanoamericanos, Das Magazin o Punto de partida.

Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Amsterdam, exerceu docência e investigação em universidades na Espanha, França, Países Baixos, Marrocos e Estados Unidos.